

Secretários apontam as disparidades regionais

Enquanto o secretário de Saúde do Acre, Manuel da Costa Sousa, afirma que o controle e a erradicação da hanseníase e da malária representam os objetivos primordiais do programa de saúde de seu Estado, o secretário de Saúde do Rio Grande do Sul, Jair de Oliveira Soares, aponta a poluição ambiental e os acidentes com veículos automotores como as principais preocupações do seu Estado na área da saúde, sendo os acidentes de trânsito responsáveis por 38 por cento dos óbitos no Rio Grande do Sul.

Essas simples afirmações pintam o quadro de discrepancia existente entre as áreas do Brasil no tocante à saúde. "Por isso a V Conferência Nacional da Saúde, servindo de palco para a apresentação e discussão dos problemas tanto particulares quanto gerais, constitui um excelente começo para a efetiva implantação do Sistema Nacional de Saúde", afirmou Manuel da Costa Sousa. "É preciso regionalizar para solucionar os problemas de saúde no Brasil".

Já o secretário de Saúde da Bahia, Ubaldo Porto Dantas, vê na definição dos níveis de autoridade e na distribuição equitativa de verbas os maiores impecilhos para o funcionamento eficaz do SNS. "Há cerca de 71 entidades diferentes lidando com o assunto "saúde" no Brasil. Por isso, uma integração efetiva que evite paralelismo e duplicação de esforços e até mesmo uma disputa de atividade é a condição primeira a ser procurada".

"A total desinformação entre os vários níveis de poder e autoridade, aliada a recursos escassos, agravam os problemas e retardam as soluções", afirmou Ubaldo Porto Dantas. "Se o Sistema Nacional de Saúde — continuou — conseguir congregar todos os esforços numa diretriz única, um bom passo terá sido dado. É lógico que nin-

guém espera que tal coordenação seja conseguida da noite para o dia, pois se trata de um processo necessitando maturação, mas a semente inicial já foi lançada". No caso específico de seu Estado, a Bahia, Ubaldo Porto Dantas apontou a falta de recursos humanos como o principal problema na área da saúde. "É que os ordenados são baixos, os médicos trabalham em dois ou três empregos, e, ao servir a vários senhores, acabam por servir mal a todos".

O secretário de Saúde do Rio Grande do Sul, Jair de Oliveira Soares, considera o Sistema Nacional de Saúde a solução eficaz para os problemas da saúde no Brasil. "Ao combater a verminose — observou — de nada adianta o Ministério da Saúde administrar vermicílicos a todas as crianças de uma determinada área se, ao mesmo tempo, o Ministério do Interior não determinar o saneamento básico, para impedir que as citadas crianças sejam reinfetadas".

Pessoalmente, Jair de Oliveira Soares não vê maiores problemas na implantação do SNS. "Faz-se necessário somente definir quem comanda. Havia um comando único, pode-se coordenar e executar qualquer programa". Afirmou que todo o programa de vacinação está sob controle em seu Estado — varíola erradicada, poliomielite, sarampo, tétano, tuberculose e difteria com índices baixíssimos — Jair de Oliveira Soares mostra-se preocupado com o equilíbrio ecológico e pede parâmetros próprios, adaptados à realidade brasileira que impeçam que a poluição ambiental se torne um problema insolúvel. "É preciso não só definir, como também impor esses parâmetros em todo o território nacional para impedir que as indústrias prefiram se instalar em áreas onde não haja vigilância".

Jair de Oliveira Soares aponta ainda, como um dos grandes problemas na área da saúde no Rio Grande do Sul, os acidentes causados por veículos automotores: "Pode parecer incrível, mas, em seis meses, na cidade de Porto Alegre, morrem mais pessoas em acidentes de trânsito do que morreram, de meningite, em todo o Estado, desde que começou o surto em 1972 até os dias de hoje".

O secretário de Saúde do Amazonas, Carlos Augusto Telles Borborema, cita transporte e comunicações como os maiores problemas que enfrenta para a efetivação de qualquer programa de saúde em seu Estado: "No Amazonas há regiões que, distam da capital apenas 4 horas, mas que exigem cerca de 20 dias de barco para atingi-las. É difícil compreender as dificuldades." No tocante ao SNS, Carlos Borborema aponta a captação de recursos com objetivos unificados, como o grande passo para solucionar os problemas de saúde no Brasil. Em seu Estado, são o controle e a erradicação da hanseníase e da malária os objetivos mais prementes a serem alcançados.

"No Acre não há nada fácil" — afirma seu secretário da Saúde, Manuel da Costa Sousa. Trata-se de um Estado pluricultural que é um permanente desafio a qualquer programa. Precisamos de tudo — recursos humanos, técnicos em todos os campos, recursos econômicos. A população é pobre, isolada, e além de sofrer de hanseníase, tuberculose e malária ainda apresenta problemas nutricionais gravíssimos. Espero que, com a implantação do SNS, o governo federal possa aumentar a ajuda oferecida ao Acre, pois somos o Estado mais pobre da União".